



ENTRE A *STORIOGRAFIA DIGIYALE* E A *DIGITAL HISTORY*: UM OLHAR COMPARATIVO

Anita Lucchesi

Mestranda do Programa de Pós-graduação em História Comparada da UFRJ
anita.lucchesi@gmail.com

Resumo: Vemos se desdobrar no Tempo Presente uma série de Novas Tecnologias de Informação e Comunicação que, junto à rede mundial de computadores, vêm transformando a organização da sociedade. Tais transformações nos interessam, sobretudo, por considerarmos que a reboque delas surgem novas noções de temporalidade e espacialidade, criando novos tipos de registros da atividade humana, gerando demandas também, para novas abordagens historiográficas. No cenário desta Cultura Digital, nos interessa pensar os problemas que afloram nos gabinetes de trabalho dos historiadores do século XXI, questões inerentes ao par História e Internet, em especial aquelas decorrentes do uso da Internet como fonte, ferramenta de pesquisa e de divulgação dos resultados das investigações históricas. Comparamos a produção de dois polos de estudos e suas novas tendências historiográficas. Uma delas é de tradição norte-americana, e tratada por *Digital History* e outra italiana, por sua vez, designada *Storiografia Digitale*. Ambas registram maior atividade na primeira década de nosso século e é justamente a este debate ainda nascente que dedicamos o presente estudo.

Palavras-chave: História, Internet e Historiografia digital

Vivemos na Era da Informação em que a Internet, como já assinalou o sociólogo Manuel Castells (2003), “é o tecido de nossas vidas” (CASTELLS, 2003, p. 7), comparando-a ao que foi a eletricidade na Era Industrial. As Novas Tecnologias de Informação e comunicação marcam o Tempo Presente, sendo ora pano de fundo, ora objeto, ora meio de diversas manifestações sociais ao redor do mundo. Em um *revival* estranho das mudanças trazidas pela globalização, começamos a pensar as espacialidades e temporalidades desse novo tempo de Cultura Digital, radicalmente virtual.

Tudo isso, tem feito da Internet um interessante objeto-problema para a nossa disciplina. A relação entre História e Internet têm suscitado questionamentos inadiáveis sobre o uso da Internet como fonte e ferramenta de pesquisa, suporte de memórias e novo espaço público, lugar também de divulgação dos resultados de trabalhos historiográficos. As noções

de tempo e espaço alteradas pelo intenso uso e intervenção das novas tecnologias na sociedade, despertam novas angústias para a comunidade historiadora. Começam a surgir, dessa forma, reflexões sobre a própria escrita da história - seus métodos, estilos e procedimentos - inscrita e perpassada por particularidades deste novíssimo ambiente digital que é a rede mundial de computadores.

Nossos objetivos, diante disso, é comparar duas tendências historiográficas surgidas no final do século XX cujas produções avolumam-se na primeira década de nosso século (2001-2011), período que delimita nosso recorte temporal. Para tanto, nos será imperativo explorar alguns trabalhos recentes que refletem sobre as múltiplas representações do passado na rede, os problemas relativos à preservação dos arquivos digitais, as tensões entre memória e esquecimento e a atual noção de autoridade no espaço público da Web, bem como as novas estruturas narrativas do ambiente digital e seus peculiares sistemas de referência, que surgem marcados pela fluidez e hipertextualidade características da Internet.

Deste modo, elegemos como campos de observação dois grupos que têm abordado temáticas relativas à História e Internet. Trata-se de dois polos de estudos que, a nosso ver, encerram duas tendências historiográficas afins, porém, distintas entre si. Uma delas é de tradição norte-americana e outra europeia, mais especificamente italiana.

Os pesquisadores destes grupos têm pensado e produzido sentido ao que batizaram de *Digital History*, nos Estados Unidos e *Storiografia Digitale*, na Itália. São estes os objetos primeiros de nossa investigação histórica, que sintetizamos na forma “**Historiografia Digital**”. É através da dissecação e comparação sistemáticas do que vem sendo produzido pelos pesquisadores envolvidos nestes projetos de “Historiografia Digital” que pretendemos compreender como a academia está lidando com o novíssimo “feixe de problemáticas” (THEML e BUSTAMANTE, 2007, p.12), cujos exemplos apenas citamos acima, relacionados ao par História e Internet.

Assim, nossas fontes serão majoritariamente compostas por documentos da literatura historiográfica produzida até 2011 na Itália e nos Estados Unidos sobre o tema, para além de alguns programas de cursos oferecidos, seja no espaço europeu que americano, sobre História e Internet. Caberá, ainda, a análise de informações relativas à recepção desta literatura e destes cursos na comunidade histórica analógica e virtual organizada em torno destes grupos, tornando necessária também análise dos dados gerados pelas web análises dos sites sobre os quais nos detemos, bem como as estatísticas editoriais dos livros publicados e do número e perfil básico de alunos que se inscreveram nos cursos analisados.

Em uma análise preliminar da literatura e dos respectivos sites dos participantes de cada grupo, foi possível perceber que existem desacordos entre eles. É nestes pontos de frágil consenso e nos pontos de convergência de ambos os projetos que se inscreve nosso projeto de pesquisa, levando em consideração as especificidades dos grupos envolvidos, bem como os lugares de agência e de fala dos pesquisadores expoentes que analisaremos. Neste aspecto, fiamos-nos em Michel de Certeau (1988, p. 27) e em suas advertências sobre a institucionalidade das pesquisas, que a segunda dos interesses políticos das instituições envolvidas, de sua disponibilidade de recursos, das circunstâncias históricas e do lugar social dos historiadores empenhados, designarão possibilidades, limites e rumos distintos para os vários projetos de “historiografia digital” em disputa.

Vale dizer, que estes campos de observação dialogam entre si e, por serem objetos inscritos em um mesmo tempo, são também influenciados por uma série de fatores semelhantes, característicos de um mesmo período histórico, mas que podem se apresentar de maneiras distintas em seus espaços específicos. Nosso desafio é investigar esses objetos, descrevê-los, interrogá-los, explicá-los, e a despeito de sua novidade, torná-los inteligíveis para a comunidade histórica. A comparação neste momento, como nos fala José D’Assunção Barros – diante do desafio ou da necessidade – impõe-se como método. (BARROS, 2007). Método imprescindível, uma vez que um dos objetos que buscamos conhecer, não pode, a nosso ver, ser iluminado, a não ser pelos contornos e formas que o outro objeto, também desconhecido, vai tomando. Ainda com Barros:

Por vezes, será possível ainda a prática da “iluminação recíproca”, um pouco mais sofisticada, que se dispõe a confrontar dois objetos ou realidades ainda não conhecidos de modo a que os traços fundamentais de um ponham em relevo os aspectos do outro, dando a perceber as ausências de elementos em um e outro, as variações de intensidade relativas à mútua presença de algum elemento em comum. Será por fim possível, se o que se observa são dois objetos ou realidades dinâmicas em transformação, verificar como os elementos identificados através da comparação vão variando em alguma direção mais específica – de modo que se possa identificar um certo padrão de transformações no decurso de um tempo – e, mais ainda, se temos duas realidades contíguas, como uma influencia a outra, e como as duas a partir da relação recíproca terminam por se transformar mutuamente. (BARROS, 2007, p. 05, grifo nosso)

Assim, a noção de “iluminação recíproca” proposta por Barros nos parece o caminho mais acertado para realizar a observação histórica que intentamos, conforme descrita até aqui. Para apresentar melhor nosso objeto – a “Historiografia Digital” - mesmo sabendo que ainda não podemos oferecer uma definição fechada dele, vamos tentar marcar alguns pontos de sua

jovem história. A trajetória da *Digital History* nos Estados Unidos começa ainda na década de noventa, quando em 1994, sob a direção do historiador norte-americano Roy Rosenzweig, surge o *Center For History and New Media* (CHNM)

¹. Este centro de pesquisas se dedicaria, desde então, a projetos em prol da preservação do passado na *web* e a iniciativas usando tecnologias informáticas para democratizar² o acesso e facilitar a manipulação de conteúdos históricos na internet, estimulando a participação do público neste processo e buscando pluralizar a audiência, embora, seus ouvintes e leitores primeiros sejam os pares, historiadores de ofício³. Ancorado aos projetos do CHNM, é publicado em 2005 o volume *Digital History: A Guide to Gathering, Preserving, and Presenting the Past on the Web*. Este “guia” é realizado em colaboração por Rosenzweig e Daniel J. Cohen, também historiador do CHNM. O livro digital, disponível online no site do CHNM⁴, apresenta o pano de fundo das discussões sobre a “historiografia digital”, naquele momento de opiniões divididas entre, de um lado, os mais céticos em relação aos benefícios que as tecnologias poderiam trazer para as Ciências Humanas - e mais precisamente, para a disciplina histórica – e de outro, os mais entusiastas da “Era Digital” como promissora, quiçá, de um novo paradigma para a historiografia.

Na Itália, o debate já era latente no final dos anos noventa, muito em parte, motivado pelas perguntas e questões colocadas por historiadores como Robert Darnton naquela época sobre o futuro do livro. Entretanto, reflexões mais sistemáticas em relação ao novo par história e internet, também serão, como no caso do *Digital History* americano, publicações do século XXI. Sendo, no entanto, inevitável, encarar estas obras como respostas às provocações que vinham sendo feitas sobre um problema, que era, ainda então, um tanto quanto nebuloso. É em 2001 que Rolando Minuti, professor de História Moderna do Departamento de Estudos Históricos e Geográficos da *Università degli Studi di Firenze* (Florença, Itália), publica o instigante *Internet e il mestiere di storico - Riflessioni sulle incertezze di una mutazione*⁵. Como indica o subtítulo da obra - também disponível online no site da revista italiana *Cromohs*⁶ - o livro é uma profunda introdução ao debate que se esboçava à época, na qual Minuti se esforçou, sobretudo, em destacar as dúvidas e expectativas daqueles cujo ofício de historiador era então turbado por uma suspeita “revolução digital”.

É importante marcar que até o surgimento deste “novo campo temático” e o aprofundamento do debate sobre as transformações trazidas pelas novas tecnologias de informação e comunicação para as Ciências Humanas no alvorecer do século XXI, observa-se uma grande tendência à ampliação da noção de informática e computador como ferramentas a serem manipuladas pelos pesquisadores, em detrimento de discussões mais filosóficas ou

mesmo de cunho teórico-metodológico sobre tais ferramentas e tecnologias a serviço da ciência.

Na Itália, entretanto, os questionamentos como os de Minuti ganham eco e dão corpo a um movimento mais amplo de análise sobre os desdobramentos da Internet nos estudos de história. Os primeiros resultados provisórios destas análises, que consistem mais na colocação de novas perguntas que na demonstração de hipóteses ou leis gerais para o estudo do par História e Internet, se consolidam em 2004 com a saída do volume organizado pelo historiador Dario Ragazzini, intitulado simplesmente *La Storiografia Digitale*⁷. Na introdução do volume, que traz não só artigos de historiadores, mas também de especialistas em arquivologia e biblioteconomia, o organizador é categórico:

Acontece que a atividade cotidiana – alta ou baixa, excepcional ou extraordinária – deixa traços do tipo informático, que serão os documentos e as fontes da história futura do nosso presente. **Como a historiografia de uma cultura alfabética é diferente daquela oral, assim também a historiografia de uma cultura digital será – e já o é – diferente daquela de uma cultura alfabética.** (RAGAZZINI, 2004, p. VII, grifo nosso)

Deste breve panorama apresentado até aqui, uma das problemáticas que mais ansiamos explicar em nossa investigação, é o surgimento de um novo campo de estudo, de uma nova área do saber no interior da história: a pesquisa e a formação em “historiografia digital”, donde decorre nossa tomada da relação entre História e Internet como um “novo problema” para a nossa disciplina. Para tanto, recuperamos e adaptamos aqui, uma ideia já expressa por Certeau em seu sempre atual “*A Operação Histórica*”, no volume *História: Novos Problemas* da coleção de Jacques Le Goff e Pierre Nora, que inspira significativamente nossas reflexões. Neste texto dos anos setenta, Certeau nos diz que “os nascimentos de ‘disciplinas’ encontram-se ligados à criação de grupos” (CERTEAU, 1988: p. 21).

Entendemos desta forma, estar presenciando uma sorte daquilo que Júlio Aróstegui chamou de “surgimento de campos históricos novos sobre os quais ainda não se concentrou, quer dizer, novos campos temáticos” e não de “temas já estudados, mas que se submetem à revisão com novos instrumentos de metodologia ou novas informações, de velhos problemas que aparecem agora como não resolvidos adequadamente” (ARÓSTEGUI, 2006, p. 471), que se registre esta diferença em função da novidade do próprio advento da Internet e pelo fato dos nossos objetos de comparação, os grupos de estudos sobre “historiografia digital” italianos e estadunidenses, estarem apenas nascendo.

Assim, cabe esclarecer, ou ao menos tentar fazê-lo, o que é, afinal, esta “Historiografia Digital” de que pretendemos tratar. Ou seria melhor dizer: o que é, a princípio, esta “Historiografia Digital”?

O termo veio depois, mas os primeiros estudos sobre o que posteriormente viria a ser etiquetado como “Historiografia Digital”, ocupavam-se de estudar:

trabalhos científicos que usam a Internet para serem difundidos e se baseiam sobre o hipertexto para uma reelaboração da escrita historiográfica, incorporando frequentemente as próprias fontes e parte dos elementos consultados para conduzir a pesquisa. (NOIRET, 2005, p.171)

Segundo Noiret, historiador francês, mas um dos componentes do nosso grupo de observação italiano, os primeiros estudos sobre o tema começam nos EUA por iniciativa das próprias associações de historiadores. São associações do *establishment* acadêmico norte-americano, como a *American Historical Association* e a *Organization of American Historians*, preocupadas em entender e mapear os novos tipos possíveis de trabalhos científicos, redigidos pelos “historiadores de profissão”⁸ a partir de informações disponíveis na rede mundial de computadores e, em alguns casos, disponibilizados nesta própria rede depois de prontos. Tal dedicação ao tema não surge gratuitamente, mas ligada a intrigante constatação de que os historiadores contemporâneos, sobretudo, estavam utilizando a Internet para fazer pesquisa, mas o que era produzido a partir dela, continuava, na maior parte dos casos, sendo divulgado nos moldes da tradicional forma impressa, muito embora, o formato do códex estivesse também sofrendo mudanças com o advento da Internet, as várias tecnologias e dispositivos eletrônicos que permitiram o surgimento dos e-books⁹.

É assim que, como aponta Noiret, a *scholarly* norte-americana desponta na vanguarda da dita “nova historiografia digital”, caracterizada, pelo então editor da *American Historical Review*, Michael Grossberg¹⁰ em uma comunicação feita em Fiesole (Itália, 2004) como uma “expressiva construção de textos”. Esta afirmativa deve ser entendida de modo bem distinto da simples transposição ou “reimpressão eletrônica” de um livro impresso para uma versão sem *copyrights uploaded* na Internet (NOIRET, 2005, p. 173).

A “expressiva construção de textos” implica o recurso à hipermedialidade e à hipertextualidade, característica da Internet, seja no momento da escrita, que na divulgação dos resultados. Isto pressupõe, como imaginava Robert Darnton quando se pôs a pensar sobre esta “revolução historiográfica”, que o processo de escritura, seja, em si, eletrônico, digital. Para Darnton, escrever digital seria lançar mão dos recursos eletrônicos para produzir artigos

e/livros em camadas, por onde o então *leitor digital* pudesse navegar (DARNTON, 1999a). Na escrita, já devem ser pensados, portanto, os formatos, os recursos multimediais (textos, iconografias, músicas, vídeos, mapas, referências sitográficas e bibliográficas etc), a disposição do conteúdo etc, de cada nível de leitura em que cada camada escrita consistirá. Em poucas palavras, a “historiografia digital” consistiria em “escrever digital e comunicar com a rede” (NOIRET, 2005).

Neste sentido, a rede passa a se tornar um repositório não só de fontes e documentos vários que podem ser utilizados por “historiadores de profissão” para a redação de monografias, dissertações e teses de História, mas também passa a ser um espaço de circulação e divulgação destes últimos. Isto é, a história “acadêmica”, em oposição à diletante, também ocupa seu lugar no ciberespaço. Segundo o historiador italiano, Antonino Criscione (2003), a melhor metáfora para pensar a “*storia su internet*” (a história na internet) seria mesmo a de um arquivo, onde materiais históricos são “colocados” online, se não em ordem, pelo menos, ordenáveis passíveis de serem organizados por um usuário, uma vez adotado certos critérios.

Trilhando este caminho conceitual, outro importante conceito para compreender a “Historiografia Digital”, é, uma vez considerada a possibilidade/necessidade de organização e classificação dos documentos, sites e mídias variadas neste grande arquivo-internet é o justamente o de **ciberespaço**. A disposição dos elementos que podem nos servir à escrita digital da história no ciberespaço nos leva a pensar sua dimensão física, para além de atribuir a este termo, tão somente por trazer consigo o prefixo “ciber”, uma dimensão unicamente virtual.

Em primeira mão, em uma descrição sintética, quando usamos a palavra ciberespaço entendemos dizer: internet, a rede das redes. Para o criador do termo na literatura dos anos 1980, William Gibson, ciberespaço é:

Uma alucinação consensual vivida diariamente por bilhões de operadores autorizados, em todas as nações, por crianças aprendendo altos conceitos matemáticos... Uma representação gráfica de dados abstraídos dos bancos de dados de todos os computadores do sistema humano. Uma complexidade impensável. Linhas de luz abrangendo o não-espaço da mente; nebulosas e constelações infindáveis de dados. Como marés de luzes da cidade.(GIBSON, Willian apud MONTEIRO)

Contudo, para a nossa correlação com o conceito que tentamos construir aqui de “Historiografia Digital”, vale atentarmos à definição do filósofo Pierre Lévy, um entre os tantos autores que se apropriaram e reformularam o conceito primeiro de Gibson:

... **espaço** de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores.(...) Essa definição inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos (aí incluídos os conjuntos de rede hertzianas e telefônicas clássicas), na medida em que transmitem informações provenientes de fontes digitais ou destinadas à digitalização. Insisto na codificação digital, pois ela condiciona o caráter plástico, fluido, calculável com precisão e tratável em tempo real, **hipertextual**, interativo e, resumindo, virtual da informação que é, parece-me, a marca distintiva do ciberespaço. Esse novo meio tem a vocação de colocar em sinergia e interfacear todos os dispositivos de criação de informação, de gravação, de comunicação e de simulação. A perspectiva da digitalização geral das informações provavelmente tornará o ciberespaço o principal **canal de comunicação e suporte de memória da humanidade a partir do próximo século**. (LÉVY, 2000, p. 92-93, grifo nosso)

Esta conceituação de Lévy nos é cara, pois o autor lhe atribui, para além do forte valor abstrato já presente na sua conceituação original, a concretude já presente em nosso cotidiano quando nos referimos a algo que está *na* Internet ou algo que fazemos *lá*. Ademais, devemos fazer atenção particular também ao grifado. Este ciberespaço é, antes de tudo, espaço. E é também suporte de memória. Pois, bem, estas são características que, trabalhando com história, não podemos ignorar. Será esta uma das razões pela qual a historiografia da “cultura digital” será, como sugeriu Ragazzini (2004), diferente daquela da “cultura alfabética”?

Até aqui, construímos um caminho em que temos a escrita da história acontecendo já “digital” e sendo comunicada na “rede”. A apresentação e disposição deste texto será expressivo, como já assinalamos, graças à **hipertextualidade** e hipermedialidade (no fim, uma hipertextualidade de várias mídias), intrínsecas desta rede, que doravante podemos denominar, de maneira mais ampla e complexa, ciberespaço.

Nesta trilha, cabe também uma delimitação mais clara acerca desta importante característica da Web – a hipertextualidade, sem a qual, como veremos, não seriam realizáveis os textos em camadas, imaginados por Darnton em 1999. Neste mesmo ano, o historiador norte-americano Edward L. Ayers alertava que os arquivos digitais e a escrita da história – a construção da narrativa em si – em suportes digitais implicaria necessariamente um novo tipo de escrita. Tal modalidade historiográfica deveria levar em consideração os recursos – a possibilidade de construir conexões e manipular dados no ambiente eletrônico – que nos permitiriam então escrever uma história que pudesse ser lida e entendida em diversas etapas e níveis. Uma narrativa que, nestes moldes, possibilitaria um envolvimento muito maior dos leitores do que a escrita tradicionalmente realizada nos livros cartáceos (impressos). À história narrada e escrita desta maneira Ayers atribuiu o título de hipertextual (AYERS, 1999), que,

como podemos perceber, muito se aproxima das tentativas de definição da “Historiografia Digital” que vimos até aqui.

Ora, é justamente a relação entre história e hipertexto que, no cenário geral das discussões acerca da “Historiografia Digital” tem ocupado espaço central nas reflexões dos diversos pesquisadores com quem dialogamos. No celeiro das tensões sobre a preservação e apresentação do passado na rede, é a hipertextualidade que se destaca. Com diferentes *approachs*, o que fazem os vários autores italianos e norte-americanos dos anos 2000 - Cohen, Rosenweig, Ragazzini, Noiret, - envolvidos no estudo da “Historiografia Digital”, como decidem chamá-la, bebendo na fonte de discussões como as já levantadas por Darnton, Ayers, Criscione, Minuti, é levantar questões sobre como fazer história na Era Digital, levando em consideração o imperativo do hipertexto. Ainda não temos as respostas, mas parece ter sido por aqui que estas correntes historiográficas começaram a trilhar um caminho.

A hipertextualidade, portanto, é mais central na nossa constelação conceitual do que a própria noção de “Historiografia Digital”. Dissemos noção, pois, como se viu até aqui, a despeito da tentativa, ainda não fechamos, uma límpida e satisfatória conceituação do termo. Criscione, aliás, considera que o hipertexto transforma mesmo as bases do conhecimento fundadas na cultura do livro e dos textos impressos. Segundo o autor, o hipertexto apaga as distinções entre “início”, “meio” e “fim” de um texto, tudo isto se torna circunstancial, editável. Isto é, um texto escrito no formato digital, recorrendo às multimídias e à referencialidade a partir de *links* (possíveis na Web) se torna mais ou menos fluido, mais ou menos rígido. A característica central na relação entre as novas e as velhas mídias para Criscione reside nesta imediatividade com que se dá a relação entre mídias e com que se realiza o acesso de várias destas mídias simultaneamente (ou quase) pelo leitor de texto (CRISCIONE, 2003).

Tal **imediatividade** das novas mídias digitais, frente às tradicionais se desdobra, para Criscione, em duas tendências opostas. Uma delas, a noção de transparência (ou a ilusão da transparência) que aflora quando se dá a possibilidade de o leitor acessar por ele mesmo, quase que instantaneamente um *link* e verificar a fonte referenciada em uma nota hipertextual. Outra é a opacidade, que pode resultar da fragmentação de muitos pontos de vista colocados à disposição através do acesso mediado pela tecnologia (CRISCIONE, 2003). São limites e possibilidades de se trabalhar em rede. Como bem observa Roger Chatier, a cerca da relação leitor-texto na época na Era Digital:

No mundo dos impressos, um livro de história supõe um pacto de confiança entre o historiador e o seu leitor. As notas remetem a documentos que o leitor, no geral, não poderá ler. As referências bibliográficas mencionam livros que o leitor, na maioria das vezes, não poderia encontrar senão em bibliotecas especializadas. As citações são fragmentos recortados por mera vontade do historiador, sem possibilidade, para o leitor, de conhecer a totalidade dos textos de onde foram extraídos os fragmentos. **Esses três dispositivos clássicos da prova da história (a nota, a referência, a citação) estão muito modificados no mundo da textualidade digital a partir do momento em que o leitor é colocado em posição de ler, por sua vez, os livros que o historiador leu e consultar por si mesmo, diretamente, os documentos analisados.** Os primeiros usos dessas novas modalidades de produção, organização e certificação dos discursos de saber mostram a importância das operações cognitivas que implica o recurso ao texto eletrônico. Aqui há uma mutação epistemológica fundamental que transforma profundamente as técnicas da prova e as modalidades de construção e validação dos discursos de saber. (CHARTIER, 2009, p. 60-61, grifo nosso)

A nova modalidade historiográfica que vemos, assim, se desenhar, está ainda tateando seus problemas, ainda buscando suas definições. Mas, apenas tratando de algumas de suas características percebidas por nós, através da literatura a respeito, como basilares¹¹ para sua compreensão, já tocamos sutilmente em algumas destas problemáticas, resta, é claro, aprofundar para perscrutar ainda mais de dentro o que é, ou se quer que seja, afinal, a “Historiografia Digital”.

Referências Bibliográficas

ARÓSTEGUI, Julio. Uma teoria da documentação histórica. In: ARÓSTEGUI, Julio. **A pesquisa histórica: teoria e método**. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2006, p.421-512.

AYERS, E. L. **History in Hypertext**, 1999. Disponível em <http://www.vcdh.virginia.edu/Ayers.OAH.html>. Último acesso: 11/05/12.

BARROS, José D'Assunção. História Comparada: um novo modo de ver e fazer a História. **Revista de História Comparada**, v.1, n.1, p.1-30, jun. 2007.

BRAUDEL, Fernand. “História e Ciências Sociais. A longa duração”. In: **Escritos sobre a História**. 2ª. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992. pp. 41-78

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CERTEAU, Michel de. A operação histórica. In: LE GOFF, Jacques, NORA, Pierre. **História: novos problemas**, 3ª ed., Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, Editora, 1988. p.17-48.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro do leitor ao navegador**: conversações com Jean Lebrun. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, UNESP, 1999 (1ª reimpressão 2009).

COHEN, Daniel. Zotero: social and semantic computing for historical scholarship. **Perspectives. History and Technology**. V. 45, p. 13-15, May 2007. <http://www.historians.org/perspectives/issues/2007/0705/0705tec2.cfm> Último acesso em: 09/04/2012.

_____, Daniel e ROSENZWEIG, Roy. Digital History. **Digital History: A Guide to Gathering, Preserving, and Presenting the Past on the Web**. Center for History and New Media, George Mason University, Washington D.C., 2005. Disponível em: <http://chnm.gmu.edu/digitalhistory/> Último acesso em: 09/04/2012.

CRISCIONE, Antonino. Sopravviverà la storia all'ipertesto? In **Memoria e Ricerca** n.s. 12 (2003), p. 165. Disponível em: <http://www.fondazioneecasadioriani.it/modules.php?name=MR&op=body&id=316>. Último acesso em: 11/05/12.

DARNTON, Robert. A Historian of Books, Lost and Found in Cyberspace, **American Historical Association**. Mar, 1999. Disponível em: <http://www.historians.org/prizes/gutenberg/rdarnton.cfm> Último acesso: 11/05/12.

_____, Robert. The New Age of the Book, **New York Review of Book**, Mar, 1999. Disponível em: <http://www.nybooks.com/articles/archives/1999/mar/18/the-new-age-of-the-book/> Último acesso: 11/05/12.

LÉVY, Pierre. **O que é o Virtual**. São Paulo: Ed. 34, 1996.

MAIER, Charles S. La Historia Comparada. **Studia Historica-Historia Contemporânea**, Vol. X-XI, 1992-93, pp. 11-32

MINUTI, Rolando, "Internet e il mestiere di storico. Riflessioni sulle incertezze di una mutazione". **Cromohs**, 6 (2001): 1-75 http://www.cromohs.unifi.it/6_2001/rminuti.html Último acesso em: 09/04/2012.

MONTEIRO, Drumond Silvana. O Ciberespaço: o termo, a definição e o conceito. *DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação* - v.8 n.3, Jun/07, Artigo 03.

NOIRET, Serge. La 'nuova storiografia digitale' negli Stati Uniti (1999-2004). **Memória e Ricerca**, nº 18, gennaio-aprile de 2005. Disponível em: <http://www.fondazionecasadoriani.it/modules.php?name=MR&op=body&id=339> Último acesso: 11/05/12;

RAGAZZINI, Dario (org.). **La Storiografia Digitale**. Torino: UTET Libreria, 2004.

Notas:

¹ CHNM: Último acesso em: 09/04/2012.

² Cabe frisar que a questão da democratização da informação, de uma forma geral, a partir do advento da Internet, possui uma frágil anuência nas várias áreas do conhecimento humano. Embora a Internet propicie uma comunicação de muitos, entre muitos e para muitos, isto não significa que seja para todos.

³ Destacamos o grande investimento do CHNM em desenvolvimentos de ferramentas para o “historiador digital”, como costumam chamar. Dentre elas, ganha relevo o *software Zotero* (), que permite coletar, gerenciar e citar fontes de pesquisas obtidas na internet, além de habilitar os usuários para compartilhar suas referências com outros internautas. Originalmente lançado como uma extensão do navegador Firefox, atualmente já apresenta versões *beta* para *Safári* e *Google Chrome*, além de se encontrar disponíveis *apps mobiles* para este *software*. Para uma panorâmica a respeito do uso da computação e de ferramentas como *Zotero* pela Oficina da História, ver: COHEN, Daniel. Zotero: social and semantic computing for historical scholarship. **Perspectives. History and Technology**. V. 45, p. 13-15, May 2007. [ues/2007/0705/0705tec2.cfm](http://www.historyandtechnology.org/2007/07/05/0705tec2.cfm) Último acesso em: 09/04/2012. Este artigo foi compartilhado por um usuário do *Zotero* com a comunidade ligada à ferramenta através do ficheiro *Digital History* Último acesso em: 10/04/2012.

⁴ COHEN, Daniel I, ROSENZWEIG, Roy. **Digital History: A Guide to Gathering, Preserving, and Presenting the Past on the Web**. Washington D.C.: Center for History and New Media, George Mason University, 2005. <> Último acesso em 09 set 2011.

⁵ Numa tradução livre: “Internet e o ofício do historiador: reflexões sobre as incertezas de uma mudança”

⁶ MINUTI, Rolando, “Internet e il mestiere di storico. Riflessioni sulle incertezze di una mutazione”. **Cromohs**, 6 (2001): 1-75 Último acesso em: 09/04/2012.

⁷ Numa tradução livre: A Historiografia Digital.

⁸ É interessante chamar atenção para a expressão “historiadores de profissão” utilizada por Noiret neste contexto, expressão muitas vezes sublinhada por outros historiadores que lidam com a temática do “digital”. Devido ao diletantismo característico da Internet para várias áreas, não apenas na história, a expressão tem para nós, pelo menos duas funções bastante relevantes: 1. Faz referência direta a pesquisadores (e não professores da educação básica, quando professores, são docentes do ensino superior); 2. Marca a necessidade de sublinhar a diferença entre estes e outro grupo de historiadores e/ou amantes de história que, nem sempre, levam em consideração o decoro acadêmico ou rigor metodológico quando divulgam seus textos na Internet.

⁹ Sobre os questionamentos sobre o futuro do livro na virada do último século, ver: DARNTON, Robert. *A Historian of Books, Lost and Found in Cyberspace*, **American Historical Association**, Mar, 1999a. Disponível em: <http://www.historians.org/prizes/gutenberg/rdarnton.cfm> Último acesso: 11/05/12. E do mesmo autor *The New Age of the Book*, **New York Review of Book**, Mar, 1999b. Disponível em: <http://www.nybooks.com/articles/archives/1999/mar/18/the-new-age-of-the-book/> Último acesso: 11/05/12.

¹⁰ Sua apresentação “*Taking the Right Path: Electronic Publication and the Creation of New Histories for the New Age*,” in *Fiesole Collection Development Retreat Series*” encontra-se disponível em: Último acesso: 11/05/12

¹¹ Ser inscrita no ciberespaço, escrita digital e divulgada na rede, ser hipertextual.